

NINGUÉM COMO VOCÊ

gabi nunes

1

Olívia

Dias atuais

Minhas mãos estão suando desde que desci do carro. A junção de voltar para casa e encontrar o lugar do qual desejei fugir nos últimos três anos me parece um pesadelo. Eu não sou mais a mesma pessoa de antes mas, ainda assim, estou nervosa por voltar a morar no mesmo prédio que meu ex-namorado, a minha irmã mais nova que me odeia e meu pai, que provavelmente também me odeia.

Só coisas boas me esperando.

Foram três anos e meio longe e agora deixei tudo que construí para trás, de novo. Meus poucos amigos, meu emprego, não completei o ensino superior e vou precisar fazer, basicamente, tudo de novo.

Talvez eu esteja exagerando. Conheço esse lugar como a palma da minha mão, comandava este prédio quando eu era criança. Eu era a queridinha de todos. Uma realidade comum em todo lugar que frequentava, já que fui a primeira neta, sobrinha e criança a morar nesse prédio. Nunca conheci um lugar tão bom de morar,

mesmo gostando da minha experiência em Buenos Aires, não era a mesma coisa.

A questão é que não importa o quanto eu tenha me esforçado para esquecer e deixar tudo para trás, este lugar faz parte de mim, querendo ou não.

Só que não me sinto muito bem-vinda aqui.

Sinto um grande peso no meu peito ao pensar em tudo que preciso fazer daqui para frente. Meu pai sempre foi bom demais para mim, mas isso não tem se aplicado à Lulu, já que sempre que nos encontramos ao longo desses anos, não era mais a mesma sensação de antes.

Na última vez em que Louise me viu, em seu aniversário, minha irmã deixou muito claro que não se importava comigo. Eu deveria deixar para lá; ela só tem treze anos, então sua opinião não deveria me afetar tanto. Só que afeta mais do que tudo. Lulu é incapaz de entender que eu não conseguia ficar aqui, depois de tudo que aconteceu. Talvez ela compreendesse se me desse a chance de me explicar, ao invés de gritar comigo e sair correndo como uma criancinha.

Apesar de ela ser uma criancinha. Que droga, nem quando eu acho que tenho razão, eu posso ter. Ela é mesmo só uma criança.

Essa deve ser minha prioridade aqui: consertar minha relação com meu pai e fazer com que minha irmã mais nova me escute.

O que seria fácil, se ela não tivesse dificultado toda a minha estadia. Quando eu saí de casa para fazer faculdade fora, Lulu se apropriou do meu quarto e meu pai me contou que, assim que

soube que eu voltaria para casa, ela tornou seu antigo quarto em um depósito cheio de tralha que demoraria semanas para limpar. Então, para me ajudar, ele alugou um quarto para mim na casa de um dos vizinhos.

Eu não estou necessariamente animada para morar com desconhecidos, mas vai ser mais fácil lidar com quem não conheço do que com minha família.

Eu queria ter ficado onde eu estava, lá era mais seguro para mim.

Aqui eu tenho apenas complicações.

Recomponho minha postura para bater na porta do apartamento onde eu cresci. Eu ainda tinha a chave, mas tenho certeza de que Louise roubou em alguma de suas visitas desastrosas.

Meu coração palpita ao lembrar de tudo que eu tinha aqui, tudo que abandonei sem olhar para trás. Meus primeiros passos, minhas lições de casa, festas do pijama, noites de filmes com meus pais, as brincadeiras de casinha que eu participava com a Louise antes dela conhecer sua melhor amiga, tudo isso nesse espaço não muito grande. Depois de um tempo, parecia uma mansão de tanto espaço que surgiu.

O apartamento costumava ser tão barulhento que eu precisava encontrar um lugar para me esconder. Louise fazia tanto barulho conversando, mamãe assistia vídeos altos como se fosse uma idosa e o meu pai, bom, ele sempre foi mais caladão, exceto quando seus irmãos nos visitavam, aí ele se tornava barulhento e falante.

É estranho pensar que eu sinto uma saudade absurda da bagunça que eu costumava odiar. Mas Louise sempre foi engraçada demais para ficar com raiva de verdade dela.

Havia uma época onde nossa relação se resumia a implicância recorrente, ela invadindo minha cama de madrugada depois de um pesadelo e eu a ajudando na lição de casa enquanto a mamãe estava organizando seu trabalho e o papai exausto por trabalhar no turno da noite.

Meu coração acelera assim que escuto o barulho da porta sendo destrancada. Talvez ela me abrace.

Talvez a raiva que ela demonstrava quando ia me visitar não seja algo que existe aqui.

Hoje, aqui em casa, nós somos apenas Lili e Lulu. Como as coisas sempre foram.

— Ah, é só você — diz Louise, bufando de tédio. Ela dá um passo para trás para que eu entre com minha mala. — Pai, sua filha chegou.

Ela vai em direção ao sofá e pega sua mochila.

Meu pai aparece na sala, vestindo uma camiseta azul clara e uma calça jeans. Faz algumas semanas que eu não o vejo pessoalmente. Agora seu rosto está liso, sem a barba que sempre foi seu charme, e seus olhos castanhos brilham ao me ver.

É, talvez ele não me odeie.

Minha irmã, no entanto, continua ignorando minha presença.

— Eu vou sair com a Melissa, a gente vai ao shopping — ela dá um beijo na bochecha de papai e sai, batendo a porta.

— Acho que alguém não ficou feliz com a minha volta — resmungo, jogando minhas coisas no chão.

Meu pai faz uma careta e abre os braços para um abraço.

— Eu senti a sua falta.

— Claro que sentiu — digo com a voz trêmula ao abraçá-lo.

— Eu devia ter ido te buscar no aeroporto! — Ele quase grita, indignado que eu não tenha o avisado, e separa nosso abraço.

— Eu gostei de vir sozinha, foi bom ver a paisagem — comento, tentando tranquilizá-lo.

Pra ser honesta, não era totalmente verdade. Eu costumava adorar o clima quente daqui mas, agora, parece que eu estou em um forno ligado no máximo, sem conseguir respirar. Ou, talvez, estar em casa é que me deixa sufocada.

Talvez as duas coisas.

— Então — ele começa, olhando para minha única mala e uma mochila. — Trouxe só isso?

Eu sei o que ele quer saber: se eu vou ficar por pouco tempo.

Considerando o fato de eu não ter um emprego, nenhum dinheiro e ainda precisar esperar o resultado do meu pedido de transferência, eu não tenho nem perspectiva de ter um diploma, eu não tenho uma resposta para sua pergunta não dita. Eu estou vivendo o sonho.

— Pode me contar sobre meus colegas de apartamento? — Indago, mudando de assunto.

Vejo um grande sorriso se formando em seu rosto. Ele é tão esquisito.

— Eles são da sua idade, um homem e uma mulher.

Reviro os olhos, irritada. Era só o que me faltava, morar com um casal.

— Vou dividir um apartamento com um casal?

Ele balança a cabeça.

— Não é um casal, mas são maneiros.

Fecho os olhos por um segundo, analisando minhas escolhas e as palavras do meu pai.

Falando a verdade, voltar não foi uma escolha minha. Eu fui coagida pelo homem à minha frente a fazer isso e não estava animada com a mudança.

— Eu mereço — resmungo.

— O que foi?

— Nada — respondo rápido. — Qual o apartamento?

No tempo que leva para meu pai me responder, pude observar meu antigo lar: as fotos ridículas de família, usando roupas da mesma cor, fotos do casamento dele com minha mãe e, por alguma razão, uma foto minha com meu ex na nossa primeira e única festa de Natal como casal, quando ninguém sabia que éramos um casal, mas apresentamos uma noite de jogos muito divertida.

Foi uma festa e tanto. Descobri um lado do meu pai muito interessante.

Meu peito dói, um calor sobe pela minha coluna. Preciso respirar fundo, não quero ir vivenciar aquilo de novo.

— No 702 — ele confirma, depois de conferir em seu celular.

Por um momento eu desaprendi a respirar. Tenho certeza de que quase me tornei um fantasma.

Aquele lugar.

Tínhamos muitos planos para aquele apartamento e nenhum deles jamais seria realizado, pois alguém já o havia comprado. E é um bom apartamento, com planta aberta, três quartos, uma excelente cozinha e a melhor vista de todas.

— Certo — murmuro, me afastando em direção à porta.

— Você já vai lá?

Assinto.

— Qual o nome do pessoal que mora lá?

Ele pensa por um momento.

— Anna Júlia e... não me lembro o nome do rapaz.

Ótimo!

Eu vou morar com desconhecidos e meu pai nem consegue lembrar o nome de um deles. Simplesmente perfeito!

Saio do apartamento, considerando ir de elevador ou me jogar da escada.

Vou com a primeira opção.

Apesar de que usar o elevador tem seus contras: eu posso encontrar a Nicoló, ou pior, seu irmão, e então estaríamos presos por alguns segundos e isso eu não aguentaria.

Eu não o vejo desde o dia que contei que não voltaria para casa. Farei o que puder para que seja quase impossível trombar com qualquer um deles, até eu conseguir uma forma de sair desse prédio... ou talvez os dois nem moram mais aqui, eu não sei muito sobre suas vidas desde que fui embora.

Bato na porta do 702 pela primeira vez na minha vida. Eu costumava invadir esse apartamento para conversar sobre musicais, fazer dever de casa e passar horas em sessões de beijos.

Melhor parte do acordo, sendo sincera.

— Oi — cumprimenta uma ruiva com um sorriso no rosto. — Precisa de alguma coisa?

Uau, como ela é bonita e alta.

O que é um pouco intimidante, sua altura, digo. Não sou baixinha, mas comparada a ela, acho que ela poderia jogar vôlei com meu corpo.

E o seu sotaque entrega que não cresceu aqui.

— Sou a Olívia — estendo minha mão. — Meu pai me falou sobre o quarto.

— Ah! — Ela abre um sorriso ainda maior e dá um passo para trás, me deixando entrar. — Seu pai fala muito sobre você. Fico feliz em saber que não é alucinação da cabeça dele.

Abaixo a mão, tentando não pensar que ela ignorou meu gesto.

Sorrio e balanço a cabeça. Observo o espaço com atenção: o sofá claro no meio da sala, a mesa de jantar pequena, não tem quadros de família ou do, talvez, namorado dela. Tem algumas

pinturas nas paredes e muitos livros em estantes diversas. O local parece aconchegante e romântico, eu diria.

— Eu adorei o lugar — elogio, sorrindo ao olhar o espaço.

É exatamente o que eu imaginava, quando planejava morar aqui.

— Obrigada — ela sorri e coloca as mãos nos bolso de sua calça jeans. — Meu colega de quarto escolheu tudo. Ele tem bom gosto.

— Dá pra ver isso.

Anna Júlia então me apresenta o apartamento. Em parte não sinto necessidade de prestar atenção, mas é tudo tão bonito e elegante, que me sinto em um reality de renovação de casa onde as pessoas têm personalidades interessantes e bom gosto. Quando chegamos nos pontos mais desinteressantes deixo de prestar atenção.

Morar fora de casa não vai fazer com que eu me aproxime mais da Louise, de certa forma isso pode ser pior. Porque conhecendo a minha irmã como conheço, a menina vai fazer de tudo para me evitar. Parte de mim esperava uma coisa mais fácil, mas como ela me mostrou assim que cheguei, isso vai ser difícil.

Ela não me deu nem boas-vindas.

— Esse aqui é o seu quarto — ela aponta para o cômodo aberto e bem iluminado pela ausência de cortinas. — Você só vai precisar de uma cama. Tem tudo, menos a cama.

— Consigo uma.

Ela balança a cabeça e sai do cômodo de volta para a sala.

— Não temos muitas regras aqui. Eu gosto de silêncio, mas faço muitos trabalhos da faculdade à noite e gosto de uns lanchinhos, então se ouvir alguma coisa de madrugada sou apenas eu procurando um biscoito — ela ri de si mesma. — Eu trabalho meio período em uma clínica, só até o final das férias — Anna Júlia se senta no sofá. — Meu colega também trabalha, mas ele tem horários confusos, então... sei lá. E você?

Arregalo meus olhos, já que eu não estava esperando que me fizessem perguntas. Só que isso foi burrice minha, porque eu vou morar com essa mulher, ela com certeza quer saber sobre mim, simples.

— Eu... — começo, sem saber para onde ir. Devo ser totalmente honesta ou omitir informações? — Eu morei fora por alguns anos, estudava educação e... só tentando voltar aos trilhos.

Ela balança a cabeça com um olhar neutro. Isso me assusta.

Igual minha terapeuta fazia quando nossas sessões ainda eram presenciais, ela me olhava no fundo dos olhos, sem nenhum julgamento, e ainda assim era bizarro.

— Adoro educadores, uma das minhas melhores amigas estuda Pedagogia. — Ela está sendo gentil.

Deixo um sorriso melancólico surgir.

A minha melhor amiga também. Preciso mandar mensagem para Liz e contar que voltei, contudo isso significa contar para todo mundo.

Com toda certeza, entendeu que eu não sei o que estou fazendo da minha vida. Preciso encontrar uma cama, um

emprego e evitar todas as pessoas que eu conhecia antes de me mudar. Posso passar meu tempo buscando emprego remoto, para que eu não precise sair de casa e correr o risco de me encontrar com ninguém do passado, aqui.

Menos a Liz, eu quero muito ver minha amiga.

Isso.

Esse é meu plano. Um ótimo plano.

— E onde está o cara que mora aqui? — indaguei curiosa.

Anna Júlia engole em seco, rangendo os dentes.

Será que ela é tão ciumenta assim?

— Ah, ele viajou com uns amigos.

— Você não quis ir? — Eu gosto de saber da vida dos outros, mantém o foco da conversa longe de mim.

— Não sou fã de praia.

Eu amo a praia.

— Que pena.

Ela dá de ombros, ainda animada com a conversa. Ela me olha como se quisesse saber mais sobre mim e não responder minhas perguntas.

E eu não quero contar nada sobre mim.

— Qual o nome dele? — pergunto.

Antes que ela pudesse responder, seu telefone toca.

— Foi mal — ela se levanta. — É do trabalho, volto já.

Ela sai e volta como prometido, mas não responde minha pergunta e não me importo o suficiente para perguntar de novo.



Eu preciso montar uma lista mental com tudo que preciso fazer e resolver, para colocar minha vida nos trilhos, já que tenho tantos problemas que meu cérebro parece derreter só de lembrar: Louise coloca uma barreira tão grande entre nós duas, que chega dói; meu pai é fofo demais para demonstrar que ficou chateado; preciso ligar para Liz e, bom, arrumar um emprego deveria estar no topo.

Não sei dizer o motivo de eu ser tão medrosa quando se trata de encontrar os fantasmas do meu passado. Nicolý já deve ter superado tudo que aconteceu no nosso último ano. E mesmo que ele já tenha seguido em frente, não acho que consigo lidar com a possibilidade disso ser real.

Liz uma vez disse que eu tinha o pote de ouro do fim do arco-íris e o deixei para trás, enquanto muita gente passa anos buscando por algo parecido. Aquilo doeu muito, como vários socos direto no meu estômago, mas sei que ela estava certa, ainda está.

Volto ao apartamento do meu pai. Sentado no sofá, ele está assistindo ao jornal sem prestar atenção. É algo que ele faz desde que me entendo por gente, ele deixa o noticiário passando, mas seus olhos nunca estão na televisão. Era fofo, porque minha mãe

costumava ouvir tudo da cozinha e depois resumia as notícias para ele.

— Não cansa de gastar tanta energia com as notícias que você nem sabe quais são? — Cruzo os braços, ainda de pé ao lado do sofá.

— Eu sei quais são as notícias. — Meu pai ergue os olhos e pisca freneticamente. — Greves, lavagem de dinheiro, pessoas morreram.

— Quem tá fazendo greve?

Ele dá de ombros.

— Alguma categoria desvalorizada.

Enfermeiros, ele quer dizer.

— E quem fez lavagem de dinheiro?

— Ih, a lista é muito grande — afirma cheio de confiança.

Balanço a cabeça, concordando.

— Quem morreu, pai?

— É mais fácil eu dizer que não morreu.

Gargalho tão alto que ele dá um pulinho no sofá, e me joga ao seu lado. Apoio meus pés na mesa de centro, lembrando da forma como Eleanor detestava que eu os colocasse no mesmo lugar que ela apoiava seu copo com café e dos tapas que ela me dava para que eu tirasse os pés dali.

— Você seria um ótimo jornalista.

Meu pai joga a cabeça para trás, relaxando o pescoço no encosto azul.

— Acha mesmo?

— Com certeza. — Dou uma batidinha em seu joelho e ele sorri.

Algo me diz que ele não está sabendo controlar suas expressões hoje.

Ficamos em um silêncio confortável por um tempo. Não sei o motivo de eu ter ficado tão preocupada em relação ao meu pai. Ele é o homem mais adorável do mundo, sempre fazendo o dobro desde que a mamãe partiu.

Talvez eu me arrependa de tê-lo deixado por tanto tempo fazendo tudo sozinho.

— Ah! — Levo minha mão até o peito quando meu pai pula no sofá. — O que achou do apartamento?

— É bonito — declaro com indiferença. — Preciso de uma cama.

Eu não queria pensar muito sobre isso.

— Resolvo isso — Maurício pega o celular e começa a digitar.

Antes que ele pudesse fazer qualquer outra coisa, eu puxo o aparelho de sua mão.

— Eu posso comprar uma cama, pai.

— Com que dinheiro?

Inclino a cabeça, sugando todo meu orgulho de volta.

— Eu tenho economias — pontuo. — E eu vou te pagar pelo aluguel do quarto.

— Olívia, eu não quero que você me pague nada.

— Eu não estou pedindo.

— Muito menos eu — retruca, sério. — Você é a minha filha, não uma estranha. É um bom lugar, com pessoas que vão te fazer bem e você continua perto de mim.

Suspiro alto, como uma criancinha contrariada.

— Tudo bem, não toco mais nesse assunto — minto. — Mas a cama eu pago.

Meu pai sorri e me puxa para um abraço apertado. Como é bom estar em casa, graças a ele.

— Vai marcar algo com a Liz? — pergunta ao me soltar.

— Ela deve estar viajando ainda — dou de ombros e ele solta uma risadinha estranha. — O que foi isso?

— Nada não — papai direciona seus olhos castanhos para a tv. — O que achou da Anna?

Semicerro os olhos e faço uma careta.

Meu peito aperta. Mas que droga?

— Ah, ela é legal. Por quê?

— Gosto dela, acho que vocês podem ser boas amigas.

Puxo os lábios e mordo a parte interna da bochecha.

Eu não deveria sentir ciúmes dela, só porque ela esteve perto dele nos últimos tempos e o papai a acha legal. Talvez ele esteja certo, eu fui embora tentando encontrar pessoas que não conhecessem o meu lado triste, por sorte a Anna pode ser uma dessas pessoas, só que em casa.

Deixo um longo suspiro escapar.

— Pode perguntar — diz ele.

Odeio como o papai me conhece tão bem.

— Ele está bem?

— Acho que sim.

Balanço a cabeça e olho para televisão.

— Ele tem namorada? — Não quero olhar para meu pai, mas eu sei que ele está me fitando.

— Espero que não — Sua honestidade faz com que eu o olhe para ele e sorria.

Meu pai sorri em resposta.

— Você tem namorada? — pergunto, não para fugir do assunto. Mas a oportunidade já estava na mesa.

— Não tenho tempo ou capacidade para isso.

— Ah, você é todo garanhão. Lógico que tem — elogio, fazendo-o rir.

Talvez seja muito difícil seguir em frente depois de quase vinte anos com a mesma pessoa.

— Não é esse o problema.

— Qual é, então?

Ele puxa os lábios e aperta os olhos antes de responder.

— É difícil achar alguém quando já se teve a melhor de todas.

Já tinha o ouro do outro lado do arco-íris.

— Tipo isso.

2

Tomás

Dias atuais

Eu estou obcecado em olhar para o mar, porque parte de mim não quer ir embora. Quero me formar logo e simplesmente vir morar com meus avós, usar como desculpa o fato de eles estarem muito velhos e que eu seria o cuidador perfeito.

Não seria.

Definitivamente não.

Gosto de passar o verão aqui. É relaxante, revigorante e eu posso tirar minha cabeça de tudo que me atormenta em casa - o fantasma da minha ex-namorada, do qual eu não faço ideia de como escapar. Claro, não tornei as coisas mais fáceis para mim quando fiz um acordo com meu pai para que eu pudesse ficar com o nosso lugar.

O que eu sinto sempre que estou em casa é inexplicável. Um certo peso pela decisão de permitir que ele controlasse a minha vida da forma que deseja e não me permitir seguir em frente em relação a tudo que aconteceu anos atrás.

Eu vivia buscando algo que não teria mais. Ela foi embora há três anos e sei que nunca olhou para trás. Quando nos

encontramos há alguns anos, Olívia deixou claro que não importava o quão ruim a Argentina fosse, era infinitamente melhor do que aqui. Não era mais possível tirar o poder que dei ao meu pai, então fiz o possível para que não se tornasse um problema maior e visitar os meus avós com mais frequência ajuda a esquecer os sentimentos que me aguardam em casa.

— A gente não devia ter trazido o casal — Nathan se joga na areia e aponta para Liz e Anthony pulando no mar.

Eu e Nathan somos como irmãos, nos conhecemos há quase duas décadas. Desde que meus avós compraram a casa na praia, ele me acompanha nas férias. Antes éramos nós dois e a Nicolý durante todo o mês de janeiro. Agora a gente vem quando temos tempo e grana já que não somos mais bancados.

— Qual é?! — Bato em seu braço. — Ela parece muito feliz.

Ele apoia os braços na areia.

— E eu, infeliz, por ter que assistir essa pegação.

— Fecha os olhos, Nathan, ou você vai ser contaminado pelo vírus do amor. — Aperto seus braços com força.

— O problema não é o romance, o cara simplesmente esqueceu da gente. — Ele aponta para Anthony pegando Liz no colo e a jogando no mar.

Isso não parece seguro.

— Acho que você está com ciúmes — comento, esperando seu olhar matador.

— Eu não! — Ele se defende.

— Não tem problema — garanto. — Eu senti isso quando a gente apresentou eles, mas essa era a intenção: tirar a Liz do nosso pé.

— Talvez. — Ele não parece convencido.

Conhecemos a Liz no ensino médio, quando troquei de escola no meio do ano, onde o Nathan já estudava. Ela era muito engraçada e tinha uma ousadia que nenhuma outra pessoa que eu conhecia possuía. Sempre uma resposta na ponta da língua e nunca levava desaforo para casa.

Liz é descendente de mãe japonesa, pronta para qualquer desafio, empenhada, inteligente e bonita. Mesmo quando éramos mais novos e todo mundo achava que todo cara tinha que ficar com todas as amigas mulheres, eu já discordava. Apesar de saber que ela é muito bonita com o cabelo longo preto e a franja curtinha, olhos escuros como a noite e a postura perfeita por causa dos anos de balé, a gente nunca nem conversou sobre ficar.

Nunca houve qualquer interesse da parte de nenhum dos dois. Muito menos com o Nathan.

Meu melhor amigo sempre foi bem esquisitinho. No bom sentido. Ele lê enciclopédias por diversão e passa mais tempo prestando atenção no que os outros fazem do que em si mesmo. Mas ele nunca diz nada. Apenas observa e isso eu invejo bastante.

Nathan tem um rosto bem rabugento, o que é a parte favorita da minha mãe. Lívia costuma dizer que é algo que o destaca, já que ele tem um coração enorme, então ninguém espera quando ele mostra que se importa. Acho que ela tem razão, pois apesar

dele não dizer muito, o meu amigo esteve ao meu lado em todos os momentos complicados que passei nos últimos anos e nunca reclamou.

Ele tem essa pose toda que atrai mulheres, pele negra clara, olhos próximos do verde, musculoso e alto, só que ele nunca demonstrou muito interesse em ninguém. Não é por nada, mas eu tenho amigos muito bonitos.

Quando entramos na faculdade, Liz estava muito irritante, tentando achar alguém para que Nathan deixasse de ser mandão e para que eu superasse a Olívia. Então, eu e Nathan arrumamos alguém para ela, porque ninguém merecia suportá-la durante todo o tempo livre. Conheci o Anthony no time de vôlei e ele parecia o par perfeito para ela, já que era inteligente, bonito e exatamente o tipo da Liz. Com toda certeza, ele seria o amor da vida dela.

— Não quero voltar para casa — admito para Nathan.

— Mas você adora o Natal e toda aquela coisa estranha que seu condomínio faz — apesar do tom irônico, sei que se preocupa.

De fato, eu adoro o Natal. Dar presentes é legal e receber é melhor ainda. Anna Júlia me perturbou por meses com perguntas sobre o que eu quero. Minha resposta sempre é a mesma: qualquer coisa. Acho que ela me odeia mais cada vez que digo isso.

Eu adoro ler, então eu adoraria se ela pudesse fazer com que eu pudesse ler algo para além dos textos sobre economia que

consomem meu cérebro a cada página. Anna seria uma amiga se me desse algo legal que a família dela produz na editora que são donos, eles trabalham com livros de fantasia nacionais.

Eu poderia me interessar pelo gênero se eu ganhasse coisas de graça.

— Minha avó vai chorar quando a gente for embora — resmungo.

— Vai nada — Nathan vidra seus olhos castanhos no mar. — Eles gostavam de quando a gente vinha para cá na adolescência, hoje em dia, eles não aguentam mais.

Ele tem razão. Minha avó sempre joga uma indireta sobre quando vamos embora depois de três dias. Nathan passa a mão no cabelo liso, fazendo com que algumas mechas caiam sobre seu rosto bronzeado e irritado pelo Sol.

— Ei, patetas! — Liz grita saindo do mar. — Vamos jogar!

Ela puxa seu namorado junto. Liz está usando seu, aparentemente, único, maiô preto, o cabelo dela está horroroso de tanto sal, o liso natural parecia estar grudado em seu corpo pálido.

— Certo, idiotas. Eu vou jogar no time do Tomás, ele precisa de uma chance de ganhar. — Ela pisca um olho para mim e eu lhe mostro o dedo do meio.

— Beleza! — Anthony e Nathan batem as mãos, prontos para jogar.

A Liz é péssima no vôlei. Genuinamente, ela é horrorosa no esporte e não entendo por que ela sempre insiste em jogar no meu time. Parece que seu objetivo de vida é me fazer perder.

— Sabe, eu posso te arrumar um novo encontro. — Ela perde a bola quando olha para mim.

Corro para buscar, faço o saque e o jogo continua.

— Eu não preciso de um encontro — afirmo.

— Eu não acredito em você. — Ela acerta a bola.

— Não ligo. — Dou um pulo para fazer a defesa, marcando um ponto.

— Deixa eu te ajudar.

A bola já está no ar de novo.

— A última... — Me jogo no chão para salvar a bola, mas ela cai ao meu lado no chão. — A última vez que você tentou, eu arrumei uma colega de apartamento.

— Então da próxima vez eu encontro sua esposa — ela apoia as mãos no quadril.

Por que ela pediu para jogar se ia ficar só conversando?

— Não tô interessado — afirmo, pulando e batendo na bola para o outro lado.

— Qual é? Você precisa sair com alguém. — Sorri com os dentes de baixo.

Liz corre para pegar a bola perto do mar e os meninos me encaram irritados. Dou de ombros e viro meu corpo em direção a minha amiga.

— Liz, eu não quero sair com ninguém agora. Só deixa isso pra lá, o Nathan ainda está solteiro, mexe com a vida dele. — Ela aperta a bola em resposta. — Já conversamos sobre isso e eu só preciso...

— Eu não converso mais com o Nathan sobre isso — ela resmunga. — Ele fica na defensiva por causa do que rolou com a Anna.

Reviro os olhos.

— Talvez essa seja a sua deixa de que não é da sua conta.

— Tomás...

— Liz, eu tô falando sério. O melhor a se fazer é deixar isso pra lá. — Eu bato a bola de leve na sua testa. — Quando eu achar alguém, eu juro que tento.

— Vocês vão jogar ou ficar de fofoquinha? — Nathan reclama do outro lado da rede.

Pego a bola para o saque acertando de primeira.

— Você vai jogar ou vai cuidar da vida dos outros? — retruco com um sorriso irônico.

Liz se dá por vencida e foca no jogo.

O jogo começou de verdade quando, finalmente, parou de tocar no assunto de eu precisar sair para encontros e blá-blá-blá. Ela é muito irritante.

Nunca brigamos, mas quando esse assunto começa eu tento já cortar o assunto. Não gosto dessa insistência e eu sei o que ela quer fazer. O único motivo que faz sentido para ela insistir tanto

em eu sair com outras pessoas é porque a Olívia está com alguém e eu continuo parado no tempo.

Os últimos dias na casa dos meus avós foram assim: vôlei, banho de mar e receio de voltar para casa. As comemorações me lembram Eleanor, que adorava todos os feriados existentes, que me lembra a Olívia, que amava basicamente tudo no mundo e, no Natal, eu vejo minha irmã, que também me lembra da Olívia. Resumindo, todos os meus pensamentos e todas as pessoas à minha volta me lembram a garota por quem eu era apaixonado.

Não é uma forma fácil de se viver.